

Desafios das primeiras médicas brasileiras

Ana Paula Pires Trindade
Diamantino Fernandes Trindade

As mulheres, da mesma maneira que os homens, devem ter se interessado pela Medicina desde os primórdios da vida social. Mulheres conhecedoras dos medicamentos e da cura das feridas sempre existiram; no entanto, eram elas ativas apenas em certas ocasiões e no restrito círculo familiar ou pouco além. Durante séculos a mulher lutou, com muita fibra, para alcançar o direito natural de exercer a profissão médica, contra todas as hostilidades machistas de sempre. Um édito de 1311 concedia o direito de as mulheres praticarem a cirurgia em Paris. No entanto, havia uma clara distinção entre o cirurgião, considerado de uma categoria inferior, e a o médico, que praticava a chamada medicina interna. Não tardou, porém, que esse direito fosse revogado. Em 1322, Jacoba Felicie foi presa e processada pela *Université Paris* acusada de exercer a Medicina, embora fosse registrado que ela conhecia a arte da Cirurgia e da Medicina melhor do que qualquer doutor em Paris.¹

Existem evidências que a jovem alemã Dorothea Christiane Erxleben (1715-1762) foi a primeira mulher a receber o grau de doutora em Medicina. Estudou na *Universität Halle-Wittenberg* e foi diplomada em 1754. Em 1812, James Miranda Stuart Berry (1790-1865) conseguiu o grau de doutor em Medicina pela *University of Edinburgh*, na Escócia, ingressando nos serviços médicos da Marinha Britânica, servindo na Índia, na Jamaica, Canadá e em outras colônias britânicas, como cirurgião-médico. Somente em 1865, quando faleceu, descobriu-se que era uma mulher.²

Trabalho apresentando na *III Jornada de História da Ciência e Ensino: Propostas, Tendências e Construção de Interfaces*, realizado de 21 a 23 de julho de 2011.

¹ A. Silva, *A primeira médica do Brasil* (Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1954), 30.

² *Ibid.*, 36.

A pioneira pelo exercício feminino da Medicina foi uma inglesa, emigrada ainda menina com a família para os Estados Unidos. Era ela Elizabeth Blackwell (1821-1910), nascida em Bristol, tinha firme intenção de tornar-se médica. Aos 20 anos, residindo nos Estados Unidos, ao tentar matricular-se em um curso médico, teve o seu pedido negado por 11 escolas. Pleiteou a sua matrícula no *Geneva Medical College*³ de New York e depois de muitas restrições, foi aceita em 1847. Sua irmã Emily foi admitida no *Rusch Medical College* de Chicago. Em 1849 tornou-se a primeira mulher diplomada em Medicina na América. Após a formatura viajou para a Europa para estagiar nos Hospitais de Paris e de Londres e foi mal recebida. Foi-lhe permitido frequentar, em Paris, o *La Maternité Hospital*. Retornou aos Estados Unidos, juntamente com sua irmã Emily e a médica alemã Marie Zakrzewska e fundaram o *New York Infirmary for Women and Children*. Este hospital abriu as portas para todas as médicas que desejassem frequentá-lo. Mais tarde, ela ajudou a fundar a *National Health Association*. Foi a primeira mulher admitida no *British Medical Register* e lecionou na primeira faculdade inglesa de Medicina para mulheres, a *London School of Medicine for Women*.

Elizabeth fundou e estimulou a fundação de colégios femininos. Deixou, além de textos científicos e de propaganda social e moral (era uma fervorosa adepta da emancipação da mulher, do abuso da vivissecção,⁴ do controle do Estado sobre a prostituição, uma fervorosa afirmadora da educação feminina, sem restrições), escreveu um livro de memórias intitulado *Pionner Work for Women*, que o editor Dent incluiu em sua *Everyman's Library* entre as obras mais importantes da literatura inglesa.

Como vimos, no século XIX, as estudantes de Medicina eram mal recebidas pelos homens nas universidades americanas e europeias. No final do século XIX, esse pensamento canhestro ainda era comum no Brasil e a própria legislação proibia o acesso das mulheres aos cursos

³ Atualmente: *Hobarth and William Smith Colleges*.

⁴ Intervenção invasiva em um organismo vivo, com motivações científico-pedagógicas.

superiores. A carioca Maria Augusta Generoso Estrella, nascida em 10 de abril de 1861, filha de Maria Luiza e Albino Augusto Generoso Estrella, foi a primeira mulher brasileira e sul-americana a se formar em Medicina. Teve educação exemplar no internato do Colégio Brasileiro, dirigido por Madame Gross, onde aprendeu piano, canto, português, francês, inglês e prendas domésticas. Com apenas 12 anos, em 1873, interrompeu o aprendizado e viajou à Europa com o pai, visitando alguns países. Na viagem de volta, desembarcou em Funchal, na Ilha da Madeira e durante seis meses estudou no colégio Villa Real. Retornou ao Brasil e voltou a estudar no Colégio Brasileiro. A sua personalidade marcante é registrada por Silva que cita um fato interessante da viagem de retorno de Funchal para o Rio de Janeiro:

Salvou, certa vez por força desta decisão pessoal, passageiros, tripulação e bagagem do vapor inglês Flamsteed, em que viajava de Funchal para o Brasil. Foi assim: no terceiro dia de travessia avista-se o couraçado inglês Blorimphon que, em pleno oceano pede ao Flamsteed, por meio de sinais, os últimos jornais europeus. Entendeu, todavia, o Comandante Brown do Flamsteed de dar uma prova de cortesia, abordando o Blorimphon, para entregar pessoalmente os jornais pedidos. Custou-lhe caro, porém, semelhante afoiteza porque o Flamsteed se atirou violentamente contra a proa do Blorimphon, destruindo alguns dos seus camarotes, fazendo grande rombo no próprio casco. Envergonhado pelo insucesso de sua gentileza o comandante Brown imprime ao seu navio toda a força das máquinas, afastando-se, assim, do encouraçado inglês. Passageiros e tripulação assistem, agora, apavorados, ao navio fazer água, enquanto Brown se recusa obstinadamente a pedir socorro. Confusão! Nesse momento, daquela gente desorientada, vai ao Comandante Brown, e, resoluta, suplica-lhe que peça socorro ao Blorimphon. Vencido pelo apelo daquela menina, Brown manda parar as máquinas, solicita auxílio ao Blorimphon que se aproxima, fazendo-se de logo o transbordo de todos os passageiros, tripulação e bagagem. Momentos depois submergia o Flamsteed. A heroína desta tragédia, Maria Augusta, menina de 12 anos, é saudada por todos

a bordo do Blorimphon, comovidos e admirados da sua façanha. Maria Augusta saltou no Rio de Janeiro debaixo de aclamações populares, recebendo as honras de uma autentica heroína. Trajava-se, então, de marinheiro, amostrando no chapéu a fita que lhe presenteara o comandante do Blorimphon e trazendo ainda consigo, presente da tripulação do Blorimphon, um talim de ouro da espada do mais jovem oficial de bordo.⁵

Maria Augusta era leitora assídua dos periódicos brasileiros e norte-americanos. Chamou-lhe a atenção, em um desses periódicos, um artigo sobre uma jovem que estudava Medicina em New York. Ficou fascinada com a notícia e, mostrou-a ao pai, que sabia da impossibilidade do estudo no Brasil, pois as faculdades não permitiam o ingresso de mulheres. Mas ela insistiu para que ele fizesse um esforço para que ela pudesse formar-se nos exterior. Um Decreto de três de outubro de 1832 possibilitava esses estudos no exterior. Convenceu o pai que a apoiou nesse empreendimento.

Em 26 de março de 1875, partiu do porto do Rio de Janeiro, com a Senhora Guimarães, uma amiga da família no navio *South América* para New York, desembarcando em 23 de abril, sendo recebida festivamente pela imprensa norte-americana.⁶ Após a legalização dos seus documentos, matriculou-se na *Saint-Louis Academy* de Oswego, Estado de New York para completar os estudos que a habilitariam para ingressar na Universidade. Em seguida, solicitou transferência para o *New York Medical College and Hospital for Women*. O *Diário Carioca*, de 23 de abril de 1950, relata os problemas encontrados por ela na transferência:

Não foi fácil esta transferência da *Saint-Louis Academy* para o *New York Medical College*, onde não era permitida a matrícula a alunos menores de 18 anos. Mas nessa ocasião a jovem destemida encontra recursos para emocionar com seus argumentos a Diretoria do *New York Medical College*, forçando-a assim a

⁵ Silva, 45.

⁶ O jornal *New York Herald*, de 24 de abril de 1875, noticiou com destaque a chegada da jovem brasileira, louvando sua intrépida decisão.

matriculá-la. Convocada uma reunião especial da Congregação para o dia 12 de outubro de 1877 a fim de resolver o assunto, já às 7,30 da manhã, perante a Congregação, Maria Augusta, 16 anos mal cumpridos, sobe a tribuna para, ela mesma, defender a sua causa. Admiração! E exclama: cometi, Senhores o delito de ser honesta declarando a minha idade verdadeira. Perdoem-me por isso. Venho de um país longínquo onde o preconceito me fecha as portas da Academia. Confio que provando conhecimentos suficientes seja admitida neste Colégio como estrangeira, em caráter excepcional. Considerem, ainda, Senhores Professores a projeção que esta deferência terá nas relações dos Estados Unidos com o Brasil. Avaliem o belo exemplo que representará a minha matrícula para o sistema escolar de toda Republica dos Estados Unidos da América. Ao terminar este discurso Maria Augusta desce da tribuna sob aplausos gerais, inclusive dos próprios professores do *New York Medical College*. Momentos depois a Congregação do aludido Colégio decidiu por unanimidade atender à pretensão da jovem brasileira, permitindo a sua inscrição no exame vestibular. Triunfo!⁷

Os exames foram marcados para 16 de outubro. Respondeu com eloquência às perguntas, e com a inteligência, a perspicácia e o preparo demonstrados nas disciplinas, não deixou dúvida aos examinadores. Foi aprovada com distinção e matriculada no dia seguinte.

Sua conquista, inédita para uma brasileira, foi relatada pelos principais periódicos brasileiros. Seu pai era o representante da Bristol Company no Brasil. Quando, em 1877, essa empresa faliu, ele não podia mais custear os estudos da filha em New York. Albino apelou aos amigos para conseguir a soma necessária para tal fim. Conseguiu uma parte do dinheiro que não era suficiente para a empreitada. Por intermédio do Comendador Augusto César de Oliveira Roxo, o Imperador D. Pedro II ficou sabendo do fato e estipulou, por Decreto de janeiro de 1878, uma bolsa de 1.500\$000 réis mensais para pagar a faculdade e 300\$000 réis anuais para cobrir os gastos das suas despesas gerais.

⁷ Silva, 48.

Foi a primeira bolsa de estudos concedida pelo governo a uma mulher. Com a amiga Josefa Agueda Mercedes de Oliveira,⁸ criou nos Estados Unidos o jornal *A Mulher*. Distribuído para as redações dos principais jornais brasileiros, defendia a emancipação da mulher.⁹

Begliomini¹⁰ cita que *os últimos meses de estudos, em 1879, foram trágicos para Maria Augusta, que, ao realizar uma necropsia, feriu-se outra vez, acidentalmente, com o bisturi. A inflamação instalou-se de imediato e o tratamento foi penoso e demorado*. Formou-se em 1881, com a solenidade de formatura realizada no *Hall Association* de New York, e seu diploma foi expedido em 29 de março do mesmo ano, conforme afirmou Ivone Costa, neta de Maria Augusta, em entrevista ao jornal *O Globo*, de abril de 1954. Foi oradora da turma tendo recebido uma medalha de ouro, pelo excelente desempenho durante o curso e pela sua brilhante tese sobre as Moléstias da Pele. Autorizada por D. Pedro II, ficou mais um ano nos Estados Unidos em estágio. Regressou ao Brasil, em outubro de 1882, quando recebeu diversas homenagens e foi recebida em audiência especial, em primeiro de novembro, pelo Imperador que lhe recomendou o atendimento de mulheres.

Conforme determinava a Constituição de 1832, prestou exames na *Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro* e o seu diploma foi revalidado, passando a exercer sua profissão durante muito tempo, dedicando-se prioritariamente à saúde de mulheres e crianças, atendendo ao compromisso estabelecido com D. Pedro II. Em 1884 conheceu o farmacêutico alagoano Antonio Costa Moraes, herói de guerra e

⁸ Natural de Tejucupapo, distrito do Município de Goiana. Filha do advogado Romualdo Alves de Oliveira. Recebeu uma bolsa de estudos da Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco para estudar nos Estados Unidos. Mário V. Guimarães, "Josefa Agueda: uma heroína de Tejucupapo," <http://itarget.com.br/services/itpack3.1/uploads/sgp/arquivos/Josefaagueda.pdf> (acessado em 27 de dezembro de 2010).

⁹ Y. Capuano, "Rita Lobato Velho Lopes,"

http://www.sbh.org.br/index.asp?p=medicos_view&codigo=203 (acessado em 27 de janeiro de 2011).

¹⁰ H. Begliomini, "Maria Augusta Generoso Estrela,"

<http://www.academiamedicinasaopaulo.org.br/images/academicos/64/13092814182011.pdf> (acessado em 29 de março de 2011).

proprietário da Farmácia Normal, com quem se casou e foi mãe de cinco filhos: Samuel, Matilde, Bárbara, Luciano e Antonio. Em uma das salas da farmácia instalou seu consultório onde também atendia gratuitamente aos mais necessitados.

Maria Augusta dividiu a existência entre eles e os pacientes, aos quais se dedicou com desvelo e carinho. Ficou viúva em 1908, o que a obrigou a reduzir o atendimento médico para se dedicar mais aos filhos, porém nunca abandonou completamente os estudos e o contato com clientes e estudiosos.

O seu sucesso e a repercussão da sua trajetória acadêmica foram muito importantes para que, em 19 de abril de 1879, o Império aprovasse a Reforma Leôncio de Magalhães que abriu as instituições de Ensino Superior às mulheres. A sua perseverança estimulou outras jovens a efetuarem suas matrículas em cursos superiores brasileiros. Faleceu em 18 de abril de 1946.

Quando o acesso das mulheres aos cursos superiores foi viabilizado, em 1879, algumas províncias apresentaram candidatas ao curso de Medicina. Esta profissão, até então exclusiva dos homens, estava agora disponível para as mulheres brasileiras.

Três gaúchas travaram uma interessante disputa cultural: a obtenção do primeiro diploma de Doutora em Medicina em uma faculdade brasileira. Ermelinda Lopes de Vasconcelos, Antonieta César Dias e Rita Lobato ingressaram, em 1894, na *Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*. Ermelinda formou-se em 26 de dezembro de 1888. Antonieta foi diplomada em dezembro de 1899.

Rita Lobato Velho Lopes nasceu em sete de junho de 1866 na Cidade de São Pedro do Rio Grande – RS, filha de Francisco Lobato e Carolina Lobato. Algumas semanas depois, foi levada para a Estância de Santa Izabel, próxima a Pelotas, onde o pai era comerciante de charque. Seus pais mudaram-se para Pelotas, quando Rita tinha nove anos, onde frequentou várias escolas, sempre com grande destaque e sempre respeitada e elogiada por colegas e professores.

A mãe de Rita faleceu em consequência do parto do seu irmão caçula. Prometeu à mãe, em seu leito de morte, que ninguém morreria de parto em suas mãos.

A jovem encontrava-se em Porto Alegre, em 3 de junho de 1883, estudando para os exames preparatórios, quando recebeu a notícia da morte da sua mãe que a consternou. Lembrou-se do que ela sempre lhe solicitara: *Minha filha, se fores médica algum dia, pratica sempre a caridade!* Nunca esqueceu o pedido e, anos depois, ao clinicar, atendeu e auxiliou aos necessitados. A perda de Rita Carolina fortaleceu a decisão de ser médica. A família decidiu mudar-se para o Rio de Janeiro. No dia 31 de março de 1884, sem perder tempo, pouco depois da chegada à cidade Rita inscreveu-se no curso de Medicina.¹¹

Rita tinha receio sobre a recepção dos colegas, pois era recente o convívio com as jovens estudantes, mas surpreendeu-se com a amizade recebida. Concluiu o primeiro ano com distinção, obtendo nota plena que significava grau elevado nas disciplinas.

Mas, ao término do primeiro do ano, um incidente mudaria os planos. Promulgada a Reforma Felipe Franco de Sá, através do Decreto nº 9311, em 25 de outubro de 1884, alterando os Estatutos das Faculdades, muitos alunos rebelaram-se.

O protesto dos estudantes, que a consideravam rígida, criou problemas com alguns mestres. Entre os alunos encontrava-se Antonio Lobato, um dos irmãos de Rita que estudava na mesma faculdade. Impetuoso, antagonizou-se com os professores. Acreditando que os filhos seriam vítimas de alguma vingança ou represália na Faculdade, pela atitude de Antonio, o pai preferiu, por imprudência, mudar-se com a família.¹²

Em 14 de maio de 1885, chegaram a Salvador, e no mesmo mês Rita, com a documentação exigida pelos novos estatutos, iniciou o

¹¹ Capuano.

¹² Ibid.

segundo ano médico. Em 18 de maio começou a frequentar o curso, sendo a primeira mulher a estudar na *Faculdade de Medicina da Bahia*. Foi bem acolhida pelos professores e alunos. O Decreto nº 9311 possibilitava aos estudantes a antecipação dos exames, e Rita, ávida em formar-se para poder casar e ser a primeira mulher médica formada no Brasil estudava intensamente para alcançar seus objetivos. A vida acadêmica era estafante, porém ela queria concluir o curso com brevidade. Entre 1885 e 1887 gozava apenas um descanso de fim de ano. Com sua determinação, realizou em pouco mais de três anos um curso que exige seis. Sempre foi assídua e dificilmente faltava às aulas.

Rita logo percebeu que bastava redobrar os esforços para ser a primeira Doutora em Medicina formada no Brasil. Assim, após 48 dias de aulas, requereu exames da maior parte das disciplinas da segunda série médica, sendo aprovada com nota plena. E assim continuou se dedicando de corpo e alma, sem descanso, ao estudo da Medicina. Em oito de agosto de 1887, requereu inscrição na sexta série, fazendo seus últimos exames em 24 de outubro com óbvia aprovação total.

Em 24 de novembro defendeu brilhantemente a tese *Paralelo Entre os Métodos Preconizados na Operação Cesariana*, considerada ousada para a época e surpreendeu os professores, recebendo do corpo docente da tradicional faculdade baiana as maiores considerações e sendo aprovada com distinção. A formatura ocorreu em 10 de dezembro de 1887 no Salão Nobre da Faculdade. Na tese Rita faz uma comovida dedicatória a sua falecida mãe:

À SAGRADA MEMÓRIA DE MINHA MÃE

D. Rita Velho Lopes

Querida mãe, o pesar que me oprime o coração, por não ter-vos a meu lado durante meu tirocinio acadêmico, como também no momento em que vai ser conferido um título científico, não posso exprimir, não há frases que o signifiquem! Aceitai, pois estas singelas saudades, que, nascidas do coração e orvalhadas por

minhas lágrimas, depósito em vosso tumulto, como interpretes de meus sentimentos. E lá da Eternidade abençoe-me, para que eu possa sempre honrar o nome que trago¹³.

Em 20 de dezembro do mesmo ano, Rita deixou Salvador e foi para Rio Pardo, Rio Grande do Sul. Durante um ano e meio atendeu em Porto Alegre a muitos chamados e realizou dezenas de partos. Casou-se em 18 de julho de 1889 na Estância Santa Vitória com Antonio Maria Amaro de Freitas, seu grande amor desde a infância, passando a usar o nome Rita Lobato Freitas. Em 26 de outubro de 1890, nasceu Isis, a filha única do casal. Viajaram para a Europa e na volta adquiriram, em 1891, a Estância de Capivari, onde passaram a residir. Viajou a Buenos Aires em março de 1910 para recreio e estudos. Chegou em abril e, durante cinco meses, visitou alguns hospitais e assistiu a cursos e conferências. No final de setembro retornou ao Rio Grande do Sul e voltou a clinicar atendendo a qualquer hora do dia ou da noite, atendendo ao pedido da mãe: *Se um dia fores médica, pratica a caridade!*

Em 1925, após 15 anos de atendimento em sua clínica, doou o material cirúrgico que possuía a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e encerrou suas atividades. Com o falecimento de seu companheiro, em 20 de setembro, de 1926, passou a dedicar-se ao movimento pioneiro das líderes feministas que lutavam pelos direitos políticos da mulher brasileira. Em 1934 filiou-se ao Partido Libertador e, em 21 de agosto do mesmo ano, foi eleita a primeira vereadora de Rio Pardo. Em 1937, o golpe do Governo Getúlio Vargas transformou o regime político brasileiro em uma ditadura, interrompendo seu mandato. Mesmo assim continuou ativa na política.

Em seis de janeiro de 1954 faleceu a primeira médica formada no Brasil. Sodré¹⁴ noz diz que:

¹³ R. L. V. Lopes, "Paralelo entre os métodos preconizados na Operação Cesariana" (Tese de doutorado, Faculdade de Medicina da Bahia, 1887), 23.

¹⁴ N. W. Sodré, *Formação histórica do Brasil*. 14ª Ed. (Rio de Janeiro: Grapfia, 2002), 87.

No terceiro decênio do século XIX o Brasil Império acha-se em meio a um processo de desenvolvimento e transformações políticas, sociais e econômicas. Assim, surgem novos empreendimentos com a criação de empresas, bancos e companhias de mineração e de transportes. Muitos trabalhadores da zona rural migram para as capitais aumentando as epidemias e doenças.

Santos¹⁵ aponta que *a situação exige mudanças no ensino de ciências para evitar as grandes epidemias e algumas corporações discutem novas medidas para a melhoria do país*. A Carta Régia de 3 de outubro de 1832 promoveu a Reforma da Educação Superior e deu nova organização às Academias Médico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro e da Bahia.

Art. 1º As Academias Medico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro, e da Bahia serão denominadas Escolas, ou Faculdades de Medicina.

Art. 11. As Faculdades concederão os títulos seguintes: 1º de Doutor em Medicina; 2º de Farmacêutico; 3º de Parteira. Da publicação desta Lei em diante não se concederá mais o título de Sangrador.

A Reforma criou também as condições para a obtenção do título de Doutor que até aquela época só era concedido a quem havia estudado fora do país. No Brasil só era possível receber o título de graduado. Santos¹⁶ comenta que:

Exige-se do aluno, que aspira ao grau de Doutor em Medicina, que ele se submeta a uma terceira série de exames, ou seja: primeiro os exames preparatórios, depois os exames dos anos letivos e, por último, as Conclusões Magnas e uma *These* em português ou latim, deendida perante uma banc de professores, seguindo as normas da Faculdade e cuja impressão ficaria a cargo do candidato

¹⁵ A. F. dos Santos, "A Faculdade de Medicina Bahia: percurso e reforma do ensino no século XIX," in *VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação* (Campinas: UNICAMP, 2009), 1.

¹⁶ *Ibid.*, 10.

A partir de então, ninguém poderia curar, ser proprietário de botica ou fazer partos, sem ter concluído uma das duas faculdades médicas então existentes no país. Em decorrência da Carta Régia, a *Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*, instituiu, em 1833, o Curso de Parteiras. Marie Josephine Mathilde Durocher (Paris, 06/01/1808 – Rio de Janeiro, 25/12/1893), mais conhecida como Madame Durocher, foi a primeira e única matriculada, formando-se em 1834.

No final desse ano passou a anunciar os seus serviços nos jornais do Rio de Janeiro. Após a formatura, adotou um visual masculino, vestindo-se com saia longa, gravata borboleta, casaca e cartola. Dizia que utilizava estas vestimentas porque exercia uma profissão masculina. Mott¹⁷ explica que:

A trajetória de Madame Durocher evidencia que, pela instrução e pelo acesso ao espaço público, a francesa esteve bem à frente de seu tempo, seguindo um caminho que só mais tarde seria compartilhado por outras mulheres. Por mais paradoxal que possa parecer, sua trajetória também é prenúncio de fim de uma época em que ainda havia reconhecimento profissional das parteiras.

Madame Durocher, com competência, construiu uma grande reputação na cidade e, em 60 anos de atividade profissional acompanhou cerca de 5.000 parturientes. Foi a parteira que teve maior reconhecimento e prestígio no século XIX. Em 1866 foi nomeada parteira da Casa Imperial e atendeu a Imperatriz Teresa Cristina, quando deu à luz a Princesa Leopoldina. Atendia, indistintamente, famílias ricas e pobres e também as escravas.

Além de partos fazia também atendimento clínico na área de Ginecologia. Embora a prática ginecológica fosse da alçada dos portadores de diploma de Medicina, ela justificava os seus atendimentos

¹⁷ M. L. Moot, "Madame Durocher: uma parteira diplomada," <http://www.ongamigasdoparto.com/2011/05/madame-durocher-uma-parteira-diplomada.html> (acessado em 25 de fevereiro de 2011).

explicando que muitas mulheres não gostavam de serem examinadas por homens. Tratava também de doenças dos recém-nascidos e fazia perícias médico-legais nos casos de atentado violento ao pudor e estupro.

Foi a primeira mulher a ser admitida, em 1871, como membro titular da *Academia Imperial de Medicina*, onde apresentou diversas observações sobre a sua prática, sugestões sobre políticas públicas de saúde, pareceres sobre a utilização de medicamentos, participou de comissões e publicou vários textos no periódico da instituição. Uma dessas publicações foi o artigo *Considerações sobre a clínica obstétrica*, considerado o mais importante estudo sobre a prática obstétrica no Brasil no século XIX.

Quando faleceu era cada vez maior o número de médicos que se dedicavam à Obstetrícia e, gradativamente o trabalho das parteiras foi rareando.

SOBRE OS AUTORES:

Ana Paula Pires Trindade

Licenciada em Letras: Inglês/Português pela UNIFAI. Pós-graduada em Psicopedagogia pela Universidade São Marcos. Pós-graduanda em Formação de Professores para o Ensino Superior pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Professora de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo. Professora de Inglês da Rede Estadual de Educação do Estado de São Paulo. Lecionou Inglês e Italiano na Escola de Idiomas Wizard. Lecionou Inglês nas Escolas Fisk. Foi Coordenadora Pedagógica da Escola de Idiomas Wizard. Autora do livro *Leituras Especiais sobre Ciências e Educação*, Ícone Editora. Autora de artigos sobre Educação. Tradutora de livros e documentos.

(e-mail: aptrindade@sme.prefeitura.sp.gov.br)

Diamantino Fernandes Trindade

Doutor em Educação-Currículo pela PUC-SP. Mestre em Educação pela UNICID. Professor aposentado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo onde lecionou as disciplinas: Química, História e Filosofia da Ciência; Ciência, História e Cultura; Psicologia da Educação; Epistemologia da Ciência e da Educação; Fundamentos da Educação para o ensino das ciências e Sistemas de Avaliação: fundamentos, ideologia e realidade. Foi professor de Química nas Faculdades Oswaldo Cruz, Universidade de Santo Amaro, Universidade de Guarulhos e Universidade Cidade de São Paulo. Atualmente é Professor da disciplina Religiões Afro-brasileiras do curso de Pós-Graduação em História e Cultura Afro-Brasileira da UNISAL, Pesquisador do GEPI (Grupo de Pesquisa e Estudos da Interdisciplinaridade) – PUCSP e Avaliador da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos – MEC.

(e-mail: diafetri@hotmail.com)